

GOVERNABILIDADE MUNDIAL E LIDERANÇA DE HOMENS E MULHERES



O enorme prazer de estar no Brasil e de me dirigir a brasileiros. Miguel Torga que, quando rapazinho pobre de trás-os-Montes fora mandado aos 14 anos para a fazenda de um tio no Brasil, escreveu num dos seus diários:

"Só podemos saber o que é ser português quando se esteve ao Brasil."

Tinha pensado fazer uma elaboração teórica sobre o tema que nos foi dado mas em vez disso é um exercício prático a que me vou dedicar. Daí as descontinuidades visíveis de temas e de estilos. Tentarei enquadrar o que tenho a dizer, Desenvolverei a governabilidade no momento que atravessamos, Acrescentarei os outros grandes domínios da governabilidade, Invocarei algumas das notas dominantes da liderança das mulheres.

INTRODUÇÃO

Se é certo que uma reflexão é sempre contextualizada no tempo e no espaço, falar, neste dia, de

espiritualidade

~~governabilidade~~ no mundo é

rever o que da imensa tragédia do dia 11 nos foi mostrado

e saber que neste continente, no continente onde vivo, em todos os continentes do planeta, toda a gente se interroga, toda a gente se sente emocionada, compadecida, inquieta e perplexa.



E vem-me ao pensamento 4 linhas de Fernando Pessoa, no seu heterónimo Álvaro de Campos quando escreveu:

"Tudo o que é humano me comove, porque sou humano.

Tudo me comove porque tenho,

Não uma semelhança com ideis ou doutrinas

Mas a vasta fraternidade com a humanidade inteira."

Pois como é possível falar de ~~governabilidade~~ ^{*espiritualidade*} com lucidez e objectividade

quando foram ultrapassadas todas as condições materiais em que ela assenta:

do que ela se prescreve

- a segurança das pessoas como expressão da dignidade do ser humano de que nascem todos os seus direitos;
- o primado do direito e da justiça sobre a barbárie;
- a existência de estados que cumpram a sua função fundamental de repeitar, defender e promover todos os direitos das suas populações;
- os mecanismos que impedem os actos loucos e assassinos?



Como é possível reflectir sobre a ^{espiritualidade} governabilidade quando nos acolhemos passivamente à sombra de um Estado a que chamámos de Estado-providência ou de um mercado ^{Fundação Cuidar o Futuro} que, na terminologia da ideologia dominante, se auto-regula e de que se fala como se de uma pessoa se tratasse?

Falávamos de governabilidade quando, ^N com a década de 90, julgámos, pela série ininterrupta de Conferências das Nações unidas, que tínhamos aberto o caminho a uma agenda do séc XXI, ^{valteles para o homem com seu bond} Pois não é certo que todas essas Conferências apontavam para uma ordem mundial mais humana?

- a conf, dos direitos da criança

- 4
- a conf. Aqui no Rio sobre o ambiente e o desenvolvimento, a carta da Terra e a agenda 21
 - a conf. Sobre os direitos das mulheres enquanto direitos humanos
 - a conf. sobre a população e o desenvolvimento onde se decidiu que as decisões relativas à procriação pertenciam aos seres humanos e não aos Estados
 - a conferência sobre as mulheres e as condições de igualdade, desenvolvimento e paz,
 - a conf sobre a pessoa humana no centro do desenvolvimento social,
 - as condições de habitabilidade para todas as populações.



Mas todas essas intenções, muitas solenemente assumidas por mais de uma centena de chefes de estado, **Fundação Cuidar o Futuro** foram engolidas pelo buraco negro de uma cultura rejeitando as suas referências éticas:

- cada pessoa guiada pelo seu individualismo, quando não hedonismo,
- cada país na defesa dos seus interesses próprios,
- a sociedade e a civilização na euforia da acumulação e do consumo e presas da erotização da violência.

Poucos se preocuparam em dar corpo a essa agenda.

Pouco depois da queda do muro de Berlim um pensador indiano, fundador do centro de estudos do desenvolvimento, chamou a atenção para a paralização de propostas alternativas. Ele tinha razão.

Ficámos sujeitos à tirania da falta de alternativas. (Foi talvez essa verificação, muito mal compreendida e interpretada que terá levado a far-se de "fim da história"!)

O mundo ficou vazio ,
com a supremacia do que se chamou de "pensamento único", i.e., a simples manutenção e universalização do já conhecido.

Não se definiram objectivos,
não se analisaram com cuidado as estratégias necessárias

nem as finalidades últimas e as prioridades que elas requeriam. Fundação Cuidar o Futuro



É nesse vazio que ganham relevo as palavras de Gramsci:

*"O antigo definha,
o novo não consegue irromper;
neste interregno nascem os monstros."*

I PARTE - A GOVERNABILIDADE

Quando as acções monstruosas surgem, são mais exigentes as análises a fazer, mais urgentes as perspectivas a abrir, mais rigorosa a necessidade de clarificação de termos.

A perspectiva do homem como ser social
~~A governabilidade~~ requer: *requer:*

- a definição exacta dos dados e dos factos
- a capacidade de extrair dessa definição o que se chama em linguagem empresarial "the core business", a questão central ou, em termos mais filosóficos, o paradoxo lógico que é a própria definição de qualquer problema
- uma vez os dados em equação, a formulação de cenários possíveis
- a clarificação dos actores e mecanismos requeridos *e sempre* pela ~~governabilidade~~ *perspectiva do homem como ser social*
- a tomada de decisão na sede própria.
-



Fundação Cuidar o Futuro

- (Aplicação desta grelha à situação actual:
- quem são as pessoas, quando nos falamos de 55 países quais são
- a natureza dos factos e das possíveis acções; em particular a clareza quanto ao carácter não religioso do atentado ... todas as religiões têm um ponto comum, a regra de ouro: "Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti, trata os outros como queres que te tratem". O suicídio anula a premissa fundamental desta regra de ouro.
- Temos visto ao longo dos dias desdobrarem-se vários cenários que, neste momento incluem a procura tão completa quanto possível da rede terrorista, o congelamento das suas contas bancárias, a determinação de quem vende armas aos terroristas - não esquecer que as armas entregues no início aos talibãs o foram pelos EUA para combaterem as tropas russas -
- Os actores devem ser neste caso as Nações Unidas, em particular o seu Conselho de Segurança, que são a sede de uma governabilidade democrática face a esta marchandage patética que está a ter lugar nas conversações com a administração americana. A NATO se vier a ter lugar deveria ser apenas a pedido das Nações Unidas por estas não possuírem um corpo militar capaz de fazer a paz mas unicamente de impedir a guerra;



Fundação Cuidar o Futuro

- a acção militar deve respeitar os princípios de qualquer acção armada:
- distinguir os objectivos militares e civis
- ser proporcional ao desafio encontrado
- apenas o necessário para alcançar os objectivo militar evitando sofrimento desnecessário.

Mesmo que conseguíssemos elaborar um plano completo, sabemos que não se pode ter à partida a certeza sobre cada aspecto e, ainda menos, sobre o resultado final.



Entramos claramente e à vista de todos, num mundo mudado na sua forma de encarar as relações entre os povos.

Se as manifestações populares, por um lado, e a análise de cada um dos aspectos da globalização, por outro, já requeriam uma nova maneira de olhar os fenómenos da sociedade global, o atentado do dia 11 tornou essa tarefa um imperativo.

Não é que o mundo tenha mudado subitamente nesse dia. O horror desse dia veio mostrar que essa mudança tem de ser re-orientada e que é urgente que o mundo encontre a liderança de que precisa.

Já não se trata apenas de relações entre Estados. A própria sociedade não se forja apenas no domínio

7
—
nacional. (Ex: De diferentes países da Europa que continuam a falar unicamente da sociedade do seu país.)

A sociedade forja-se nas esferas conjugadas da nação/região/mundo.

As características de cada um destes níveis torna ainda mais complexo o sistema a construir.

Está em causa na governabilidade a atenção constante aos acontecimentos nesses três níveis e à sua permanente interacção. Só essa atenção permite a responsabilidade e a ética do cuidado, como já o intuíra nos anos 40 a grande pensadora Simone Weil.

Está em causa não uma política feita por políticos espectadores mas feita por homens e mulheres capazes de imaginar uma regulação ^{humana} internacional mais definida e mais transparente,

mais controlada e mais eficaz,
e, por tudo isso, mais democrática.

Desde política há de ter agente e
esta a papel de
fundação, todo o terceiro setor, empenhado na construção de
um humanismo de carácter local

Vivemos num mundo de transição durante o período que se seguiu ao fim da Guerra Fria mas tivemos a ingenuidade de pensar que só os países saídos do comunismo é que se encontravam num período de



transição. Ora **a transição diz respeito ao mundo inteiro.**

A tragédia do dia 11 assentou no que se pode considerar como o primeiro sinal dessa transição de âmbito global. Revelou-se a uma escala não imaginada a capacidade de pessoas, grupos, países até, se cruzarem, comunicarem entre si, estabelecerem sinergias nas auto-estradas do ciber-espaço e, a partir daí, constituírem verdadeiros "bunkers" imateriais.



O terrível pesadelo que o mundo tem estado a viver leva-nos de um domínio de "relações internacionais" que ligavam entre si os Estados e que se podiam realizar bilateral ou multilateralmente para um mundo de entidades políticas interdependentes em que figuram os Estados, as regiões, a comunidade internacional, *o sucesso futuro* e indivíduos e grupos sem lugar nem estatuto definido.

Estamos perante um sistema complexo planetário sem precedentes na história do mundo. Um notável pensador americano, Richard Falk, escrevia-me ontem que essa "novidade" do terrorismo se caracterizou por três elementos que se reforçaram uns aos outros:

- a mudança do terrorismo caso por caso como tática para um terrorismo como guerra contra a sociedade

- 11
- civil, tanto simbolicamente como em termos de cataclismo maciço;
- a transformação da tecnologia do inimigo em armamento de destruição de milhares apenas através do acto simples de tomar de um avião;
 - logo no primeiro dia um perito em informações dizia que as possibilidades da high-tech, embora totalmente dominadas pelos highjackers, deram lugar ao high-concept
 - o compromisso de militantes em sacrificarem as suas vidas através de iniciativas por definição suicidárias.



A não-territorialidade acrescenta à vulnerabilidade do mundo moderno uma dimensão inédita e com a qual não sabemos como lidar.

Fundação Cuidar o Futuro

Ao referir-se a essa vulnerabilidade, Filipe Gonzalez (que em termos de terrorismo sabe, por experiência de que está falando) interroga-se num artigo publicado na 2,a feira:

"Será possível avançar pelo caminho da governabilidade desta nova realidade planetária induzida pelo fenómeno da globalização da informação, de economia, das finanças, e... agora do terror?"

Em cada momento de um sistema complexo há, como no-lo mostram os físicos, e especialmente Ilya Prigogine, bifurcações, nós, de onde podem surgir diferentes ramos.

São momentos de grande instabilidade.

E não é apenas o comportamento da Bolsa que o mostra. Pessoas de grande força moral e intelectual têm-no dito estes dias: "I am frightened." ("Estou apavorado.")

Um pequeno parêntesis para nomear o medo. As crianças perguntam aos pais e professores se no seu país os prédios altos vão cair. Desenham torres a serem cortadas ao meio por aviões. Quase só usam o preto para desenhar o que viram. Mas também os adultos, todos os adultos, exprimem, cada um à sua maneira, esse medo. É importante falar dele. É falando do medo que ele pode ser exorcizado. O medo é o sentimento normal perante a irracionalidade, o desvario do assassínio em massa, o total desprezo do ser humano que transforma passageiros inocentes de um avião em bombas humanas. A coragem que é pedida a toda a humanidade não é o esconder do medo mas a capacidade de continuar a vida sem a esvaziar de sentido, redobrando no empenhamento na luta contra tudo o que pode provocar actos tão inesperados e devastadores.



II PARTE - A GOVERNABILIDADE DA GLOBALIZAÇÃO

13

Falei de um mundo já mudado mas que o horror do dia 11 e o que se está seguindo vem revelar. É particularmente verdade no que diz respeito `a possibilidade de ^{governabilidade} ~~de~~ ^{de} um mundo atravessado pela globalização de todas as áreas da vida humana.

Distinção entre:

- o que é relativo ao mundo em geral, que interessa o mundo inteiro
- o que se aplica ao mundo como um todo como um conjunto

Fundação Cuidar o Futuro

Assim a globalização aparece como:

- fenómeno novo, só possível pela transformação científica e tecnológica
- causa da possibilidade única de comunicação instantânea
- atingindo todos os sectores da vida humana e, em alguns casos, mudando a natureza desses sectores

As grandes áreas da globalização:



1. a própria comunicação, instantânea, o mundo em rede

Foi aqui que se inseriu a preparação do dial 11 - como impedir que se repita? Como controlar a Internet?? Propriedade intelectual? Limitação da privacidade da comunicação entre as pessoas?

Os conteúdos dos mídia, sobretudo TV devem ser regulados. Mas como resistir às audiometrias e ao desejo do lucro? (argumentação: o canal que só tem programas em português!!!)



2. A economia e as finanças

as primeiras áreas a aproveitar este progresso espectacular

Como regular este domínio? Fundação Cuidar o Futuro

Há vários mitos aqui.

O primeiro é o da auto-regulação do mercado. Delors: o mercado é míope.

Os mercados têm um carácter espontaneamente instável e caótico, em particular na produção agrícola.

A intervenção pública é necessária para:

- assegurar a regulação e ajustar a evolução dos preços
- assegurar a remuneração aos produtores
- garantir a manutenção da produtividade agrícola

15

O segundo mito afirma que a concorrência tem a possibilidade de gerar a riqueza para todos. Eos limites da competitividade? P.ex. ainda na agricultura há no mundo 1 bilhão e trezentos milhões de produtores que praticam a agricultura manual enquanto apenas 28 milhões usam a agricultura mecanizada. O que significa a competitividade aqui?

O terceiro mito quer iludir-nos dizendo que o preço mundial é um critério pertinente para a orientação das produções. Isto não é verdade. O preço é determinado pelo preço do país exportador mais competitivo, adquirindo muitas vezes esse estatuto à custa da ajuda do Estado aos produtores. P.ex. o preço do leite é determinado pela Nova Zelândia que só produz 1,63% da produção mundial; o preço do trigo é determinado pelo preço nos EUA, que só produz 5,84% da produção mundial.



O QUARTO MITO É DE QUE ELE É QUE CONSTITUI O MOTOR DO DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO. Mas como explicar então que a exportação maciça de cacau, arroz, bananas, carne, café, para o Norte não tenha melhorado a vida dos produtores do Sul?

E as patentes? O mercado não suporta que aquilo que é vivo se possa reproduzir livremente.

Código de conduta entre as empresas?

Taxa Tobin?

Criar condições para a modificação dos padrões de consumo e dos esquemas de produção. Não é um problema moral mas técnico.

3. Os "global commons"

Florestas, água, clima, espaço

4. Engenharia genética

Novos mecanismos - "As instituições são as moradas das aspirações"



Fundação Cuidar o Futuro

III PARTE - LIDERANÇA E GOVERNABILIDADE

A que novos paradigmas podemos recorrer para que a globalização não seja um caminho de destruição global?

Que forças novas, ainda não utilizadas, temos no mundo para que a governabilidade adquira um novo rosto?

A aposta que tem guiado toda a minha vida concentra-se na convicção de que as ^{espiritualidade} ~~mulheres~~ podem constituir uma força de radical transformação da irracionalidade institucionalizada em que vivemos.



Não confundir a espiritualidade de que falo com a perversão do sentimento religioso.

A sua liderança está na sequência directa das enormes transformações que tiveram lugar durante o séc. XX. E sobretudo na afirmação inequívoca da sua identidade própria, gerada pela cultura milenária das mulheres (um povo que veio de longe) e sustentada pela reflexão filosófica sobre a sua irreduzível e inalienável capacidade de conceber, gerar e produzir a vida. Esta capacidade é um dado filosófico - capacidade de "dar à luz" - que se aplica a todas as mulheres independentemente do seu estatuto na sociedade. Transformar essa capacidade, conferir-lhe visibilidade e estatuto próprio é o primeiro passo para uma

liderança de mulheres que transborde para além dessa metade da humanidade.

Essa nova liderança se´r pois outra maneira de olhar a governabilidade e de se forjar colectivamente **uma nova política.**

É deliberadamente que em vez de elaborar agora uma nova teoria eu vou pedir emprestada a voz de três mulheres que descrevem cada uma à sua maneira como vêm a liderança das mulheres.



Impossível? Romântico? Sentimental? Não porque tudo isto só é possível com a persistência de quem nunca desiste. Por isso repito muitas vezes o que outra poetisa diz humildemente:

**... e no deserto cuidar
que alguma flor**

persista.

É a esse cuidar que vos convido. E tenho a certeza de que no deserto algumas flores persistirão.